

Canal Energia

2005_07_01

Destaque

**Mickey Peters, da Duke Energy: Um foco no mercado livre
Sem garantir entrada no leilão de energia nova, presidente da geradora prevê futuro nos negócios com grandes clientes**

Oldon Machado, da Agência CanalEnergia, Entrevistas

1/7/2005

Desde que chegou ao Brasil em 1999, investindo US\$ 1 bilhão na compra de oito usinas hidrelétricas oriundas da cisão da Cesp, a Duke Energy Paranapanema tem se mostrado tímida na intenção de expandir seu parque gerador com novos empreendimentos. A julgar pela avaliação que o atual presidente da empresa, Mickey Peters, faz do cenário para novos investimentos no setor elétrico, a situação não deverá mudar no curto prazo. Apesar de mostrar interesse em "crescer através de aquisições ou novos projetos", o executivo não garante a entrada da empresa no leilão de energia nova.

"Ainda é cedo para dizer 'sim, vamos participar', ou 'não, estamos fora'. Estamos avaliando oportunidades, e num momento mais à frente vamos decidir sobre isso", comenta Peters, que no final do mês completa dois anos à frente da filial brasileira do grupo norte-americano. Mesmo os projetos que já faziam parte do plano de investimento não serão levados adiante. Peters reafirma que a empresa não tem planos de tirar da gaveta as usinas térmicas de Pederneiras, em São Paulo, e de Corumbá e Puerto Suarez, na fronteira entre o Mato Grosso do Sul e a Bolívia, cancelados no início de 2003.

No caso dos leilões de energia existente, o presidente da geradora condiciona a realização de negócios aos preços praticados. O fator foi determinante para que a empresa saísse do segundo leilão, em abril, sem fechar um contrato sequer - no primeiro, a concessionária negociou a venda de 490 MW médios. Em entrevista exclusiva ao **Portal CanalEnergia.com.br**, Mickey Peters fala das boas perspectivas de negócios no mercado livre, onde a empresa garantiu a venda de cerca de 20% da energia assegurada total, e da preocupação frente às incertezas no fornecimento de gás natural.

Portal CanalEnergia.com.br - Como a Duke Energy está avaliando o atual cenário do setor elétrico brasileiro?

Mickey Peters - Estamos avaliando o mercado como um todo em função da implementação do novo modelo do setor elétrico. Nossas apreensões e preocupações têm sido alvo de muita discussão. No aspecto comercial, estamos agora focados na venda de energia para o mercado de clientes livres, principalmente junto aos eletrointensivos. O mercado livre está crescendo e oferecendo oportunidades interessantes para a venda energia. Estamos avaliando o mercado em geral de forma positiva.

Portal CanalEnergia.com.br - Qual tem sido a performance da Duke Energy no mercado livre?

Mickey Peters - Obviamente que o cenário em geral do setor impacta esse segmento. A sobra de energia que havia no mercado das geradoras até o final do ano passado trouxe um ambiente difícil, mas que agora está melhor, em função principalmente dos leilões que já foram realizados. Mesmo com todas as preocupações de mercado, como na questão do gás, por exemplo, temos tido uma performance interessante no mercado livre. Neste momento temos pelo menos 20% da nossa energia assegurada vendida para consumidores livres, o que dá mais ou menos 200 MW. Nossa decisão de não vender no segundo leilão de energia existente estava baseada na opção de priorizar os clientes livres e grandes consumidores. Acho que foi uma boa decisão.

Portal CanalEnergia.com.br - Mesmo priorizando o mercado livre, a Duke pensa em entrar nos dois leilões de energia existente que o governo fará até o final do ano?

Mickey Peters - Temos que participar, mas a decisão se vamos negociar ou não está indefinida. É sempre uma questão de preço, como foi nos leilões passados. No leilão de energia existente realizado em dezembro do ano passado vendemos 490 MW médios, o que dá quase a metade da

nossa energia assegurada disponível. Já no leilão de abril não vendemos nada. Vamos estabelecer nossos preços internos, e baseados nessa margem é que haverá a decisão de vender ou não. Como o mercado está perturbado, é muito difícil dizer agora qual será nossa estratégia para outubro ou novembro (quando deverá ocorrer o próximo leilão de energia existente).

Portal CanalEnergia.com.br - Desde que chegou ao Brasil, adquirindo parte do antigo parque gerador da Cesp, a empresa não realizou nenhum outro investimento em geração nova. Há alguma perspectiva disso mudar com os leilões de novas usinas, que recomeçam no final deste ano?

Mickey Peters - Falando especificamente dos leilões de energia nova, acho que ainda há muito a definir. Neste momento eu acho que é cedo dizer se vamos investir ou não. Mas posso dizer que estamos aqui para ficar, com ambição de crescer através de aquisições ou de novos projetos. Mas isso, no entanto, ainda não está bem definido, na medida em que estamos saindo de um momento onde tudo mudou no setor elétrico. Passados esses primeiros resultados dos leilões de energia existente, acredito que esta seja a hora de refletir e avaliar o futuro, sempre com a expectativa de crescimento. Mas ainda é cedo para dizer "sim, vamos participar" ou "não, estamos fora". Estamos avaliando oportunidades, e num momento mais à frente vamos decidir sobre isso.

Portal CanalEnergia.com.br - O senhor falou de aquisições. Há alguma negociação em curso nesse sentido?

Mickey Peters - Não, neste momento não existe nada nesse sentido. Falei apenas de uma possibilidade.

Portal CanalEnergia.com.br - Até pouco tempo atrás se especulava que a Duke Energy estava disposta a sair do país. A empresa tinha intenção de realmente sair do Brasil?

Mickey Peters - Isso foi uma má interpretação da situação. Estava falando sobre as nossas preocupações com relação ao processo de reconstrução do modelo setorial, mas sempre com o objetivo de melhorar a situação. A interpretação disso acabou sendo a de que estávamos saindo do país, mas nunca chagamos a avaliar essa hipótese. Como disse, estamos aqui para ficar. Foi apenas uma avaliação errada que fizeram a nosso respeito.

Portal CanalEnergia.com.br - Além dos novos projetos que vocês estão estudando, existe a possibilidade de a Duke Energy tirar da gaveta as duas termelétricas canceladas há dois anos e meio?

Mickey Peters - Não, esses projetos foram abandonados e não temos planos de tocá-los à frente. A decisão de não realizar mais os investimentos nas térmicas de Pederneiras (em São Paulo, com 500 MW) e no complexo termelétrico de Corumbá (no Mato Grosso do Sul, com 88 MW) e Puerto Suarez (na Bolívia, com 88 MW) baseou-se numa estratégia mundial da matriz na época, e não há qualquer previsão de retomá-los.

Portal CanalEnergia.com.br - Segundo dados da CBIEE, há mais ou menos trinta meses nenhum grande projeto hidrelétrico foi iniciado no país. O senhor acredita que isso pode representar um risco de desabastecimento num horizonte de quatro a cinco anos, como dizem alguns especialistas?

Mickey Peters - Acho que este tipo de avaliação, em relação a riscos de crise de energia no futuro, precisa levar em conta não só o nível de investimentos nos novos projetos que podem estar em desenvolvimento, mas também a taxa de crescimento do mercado consumidor, que está subindo novamente, além da questão hidrológica. Acho que nesse momento a questão principal que precisa ser solucionada envolve o gás natural. Tanto em relação ao gás da Bolívia quanto ao gás da Argentina - que por sinal passa por uma grave crise de energia -, além da situação de fornecimento para o sistema energético brasileiro. Essa situação de incerteza, especialmente por conta da crise na Bolívia, sempre traz preocupação para quem investe. Acho que é importante o governo trabalhar para garantir um mercado de gás para os projetos termelétricos no Brasil, assim como facilitar a viabilização dos projetos.

Portal CanalEnergia.com.br - A Duke Energy Paranapanema analisa a possibilidade de acessar o mercado de capitais para realizar algum tipo de captação de recursos?

Mickey Peters - Acredito que este seja um bom momento para as companhias acessarem o mercado de capitais, tanto que muitas empresas que operam no setor elétrico estão seguindo esse caminho. Sempre estamos atentos e avaliando oportunidades visando à captação de recursos no mercado, com base nas nossas necessidades, mas não temos nada encaminhado no curto prazo no sentido de fazer emissão de ações ou de debêntures.

Portal CanalEnergia.com.br - Quanto e em que áreas a empresa vai investir este ano?

Mickey Peters - Nossos investimentos estão focados na manutenção e na operação das nossas usinas e na melhora no sistema de geração. Estão previstos investimentos de cerca de R\$ 35 milhões na operação dos ativos ao longo de 2005.